Autismo - um estudo de caso em Psicodiagnóstico

Autor(res)

Carolina Aparecida Campos
Laisa Marita Bertuzzo Castanheira
Maria Flor Beloque De Godoy
Flávia Lima Da Silva

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS

Introdução

O desenvolvimento infantil é resultado de uma interação dinâmica entre fatores biológicos, ambientais e relacionais, sendo amplamente influenciado pelas práticas parentais e pelas redes de apoio disponíveis (VARGAS et al., 2020; GLATZ; TRIFAN, 2019; UZÁTEGUI-GAMARRA; MALVACEDA-ESPINOZA, 2023). Em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), essas interações tornam-se mais complexas devido às dificuldades centrais em comunicação, socialização e flexibilidade cognitiva, descritas pelo DSM-5-TR como características nucleares do transtorno (APA, 2023).

Neste contexto, a avaliação psicológica deve ir além da mera identificação de sintomas, buscando compreender o impacto das mediações familiares e institucionais no percurso de desenvolvimento e garantindo a integração de múltiplas fontes de informação, a fim de delinear tanto as necessidades de suporte quanto os recursos já presentes na criança. Tal abordagem, segundo a psicopatologia do desenvolvimento, possibilita identificar fatores de risco e de proteção que influenciam diretamente a autonomia e as habilidades adaptativas (CROWELL; KELUSKAR; GORECKI, 2019, apud PORTES et al., 2020).

O caso de M., 5 anos, diagnosticado com TEA e atendido como parte do estágio em psicodiagnóstico, exemplifica a relevância dessa perspectiva e será apresentado no presenta trabalho.

Nesse sentido, o estudo aqui proposto destaca a necessidade de compreender o TEA em uma perspectiva ecológica, na qual a criança, a família, a escola e os profissionais de saúde constituem um sistema interdependente. Investigar como essas dimensões se articulam permite não apenas definir o grau de suporte adequado, mas também propor estratégias de intervenção que favoreçam a autonomia, a socialização e a qualidade de vida da criança e de sua família.

Objetivo

Descrever o psicodiagnóstico de um menino de 5 anos com diagnóstico de TEA o seu grau de suporte envolvendo discussões acerca de como as práticas parentais influenciam a autonomia, a socialização e o desenvolvimento de habilidades adaptativas.

Material e Métodos

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de um estudo de caso clínico conduzido em clínica-escola de Psicologia, envolvendo M., 5 anos, com diagnóstico médico-psiquiátrico prévio de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O corpus de análise integrou múltiplas fontes: (a) relatos clínicos de sessões de psicodiagnóstico; (b) entrevistas semiestruturadas com a mãe e o pai; (c) duas entrevistas com a fonoaudióloga responsável; (d) reuniões com professores e relatório escolar; (e) parecer psiquiátrico; e (f) observações sistemáticas em setting terapêutico.

Foram realizadas nove sessões clínicas, sendo sete encontros semanais de aproximadamente 50 minutos diretamente com a criança e duas entrevistas específicas com os pais. Complementarmente, houve visita à escola e reuniões com a fonoaudióloga.

As observações clínicas foram organizadas em quatro eixos centrais do desenvolvimento:

- Comportamento – análise de estereotipias motoras, padrões de repetição, autorregulação e reações frente à frustração;
- Comunicação – presença de estereotipias verbais, ecolalias e evolução da linguagem em articulação com a intervenção fonoaudiológica;
- Socialização – vínculos familiares, interação escolar e relação com pares;
- Aspectos cognitivos – investigação inicial de raciocínio não verbal pelo Teste R2 (Matrizes Progressivas Coloridas de Raven) e complementação com o DFH-IV – Desenho da Figura Humana, para análise de recursos cognitivos e indicadores emocionais.

A análise qualitativa seguiu os critérios diagnósticos do DSM-5-TR (APA, 2023), fundamentada na Psicopatologia do Desenvolvimento (Dalgalarrondo, 2019) e em parâmetros técnicos de avaliação psicológica (Hutz; Trentini, 2015). O foco foi compreender as características clínicas e recursos adaptativos da criança, assim como o impacto das práticas parentais sobre sua autonomia, socialização e aquisição de habilidades.

Resultados e Discussão

O psicodiagnóstico evidenciou quadro compatível com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme critérios estabelecidos pelo DSM-5-TR (APA, 2023), marcado por padrões repetitivos de comportamento, rigidez cognitiva, presença de ecolalia, contato visual intermitente e dificuldade de adaptação a mudanças de rotina. Ao lado das fragilidades, emergiram recursos importantes, como reconhecimento precoce do alfabeto, facilidade de aprendizagem por repetição, elevada curiosidade e abertura afetiva em situações de vínculo seguro, confirmando a compreensão atual do TEA como contínuo heterogêneo (Dalgalarrondo, 2019).

Na comunicação, observou-se progressão expressiva após início da intervenção fonoaudiológica: de falas pouco inteligíveis para repertório funcional, ainda que marcado por frases estereotipadas. A ecolalia, frequentemente interpretada como sintoma, foi identificada como estratégia comunicativa no processo de aquisição da linguagem, coerente com a literatura (KEEN et al., 2010, apud RUBIM et al., 2024).

No comportamento, destacaram-se episódios de agressividade diante de frustrações e seletividade alimentar acentuada, elementos associados a dificuldades de autorregulação emocional e sensorial (APA, 2023). A análise da socialização revelou interações positivas quando mediadas por adultos, mas resistência em contextos coletivos, como o refeitório escolar. No campo cognitivo, a rapidez na identificação de letras, números e padrões lúdicos levantou hipótese de nível intelectual superior à média, recomendando investigação posterior com baterias específicas (Hutz et al., 2015).

A parentalidade surgiu como variável central: a mãe apresentou postura superprotetora, limitando a autonomia em tarefas diárias, enquanto o pai, mesmo com menor compreensão técnica, demonstrou afeto e incentivo, favorecendo avanços concretos. Esse contraste evidenciou a necessidade de maior alinhamento e consistência,

pois práticas parentais equilibradas são determinantes para a aquisição de habilidades adaptativas (Hutz et al., 2015).

A escola assumiu papel protetivo fundamental, orientando precocemente os pais a buscar atendimento e oferecendo suporte individualizado com professores de educação especial. As entrevistas com a fonoaudióloga confirmaram que o avanço na comunicação estava diretamente relacionado à postura dos cuidadores, revelando a importância do trabalho em rede. Esse conjunto de ações está alinhado à literatura que valoriza abordagens multidisciplinares e mediadas pela família (Portes et al., 2020; Rubim et al., 2024; Uzátegui-Gamarra; Malvacedo-Espinoza, 2023).

Assim, o psicodiagnóstico cumpriu dupla função: identificou habilidades e necessidades específicas e iluminou o papel das práticas parentais no desenvolvimento da criança. Avaliar uma criança autista não significa apenas medir déficits, mas compreender o entrelaçamento entre sujeito, família e contexto sociocultural, condição essencial para planejar intervenções que promovam autonomia, socialização e qualidade de vida.

Conclusão

O psicodiagnóstico evidenciou que o Transtorno do Espectro Autista deve ser compreendido em uma perspectiva multidimensional, na qual aspectos clínicos e práticas parentais interagem de forma decisiva. As observações revelaram que o manejo familiar pode tanto restringir quanto favorecer autonomia e habilidades adaptativas, reforçando a necessidade de intervenções integradas entre família, escola e equipe multiprofissional para promover desenvolvimento e qualidade de vida.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

CROWELL, J. A.; KELUSKAR, J.; GORECKI, A. Parenting behavior and the development of children with autism spectrum disorder. Comprehensive Psychiatry, v. 90, p. 21-29, 2019. https://doi.org/10.1016/j.comppsych.2018.11.007
(citado via apud).

DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

GLATZ, T.; TRIFAN, T. A. Parental self-efficacy and parenting practices: Bidirectional effects from preadolescence to adolescence. Journal of Adolescence, v. 73, p. 132–142, 2019. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.04.007.

HUTZ, C. S.; BANDEIRA, D. R.; TRENTINI, C. M. Psicometria. Porto Alegre: Artmed, 2015.

HUTZ, C. S.; BANDEIRA, D. R.; TRENTINI, C. M. Psicodiagnóstico. Porto Alegre: Artmed, 2016.

HUTZ, C. S.; et al. Avaliação Psicológica da Inteligência. Porto Alegre: Artmed, 2017.

KEEN, D. et al. The effects of a parent-focused intervention for children with a recent diagnosis of autism spectrum disorder on parenting stress and competence. Research in Autism Spectrum Disorders, v. 4, n. 2, p. 229–241, 2010. https://doi.org/10.1016/j.rasd.2009.09.009 (citado via apud).

PORTES, J. R. M. et al. Estilos parentais e coparentalidade em famílias com crianças com autismo: análise de perfis de comportamento infantil. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 37, e190143, 2020. http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e190143.

RUBIM, A. L. et al. Autoeficácia parental e Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 37, p. 1–20, 2024. http://dx.doi.org/10.5902/1984686X86168.

TRENTINI, C. M.; HUTZ, C. S. Avaliação psicológica como processo compreensivo: contribuições ao

psicodiagnóstico. Avaliação Psicológica, v. 4, n. 1, p. 51–60, 2005.